

Fundamentos da Teoria do Lazer

Prof. Dr. Guanys de Barros Vilela Junior

Identificando as 3 Fases das Teorias do Lazer



A FASE INGÊNUA

A Fase Ingênua

- De Paul Lafargue (*O direito à preguiça*) à geração de intelectuais da chamada Esquerda Caviar.
- A expressão “esquerda caviar” (“*gauche caviar*” em francês) se refere à intelectuais que oriundos de famílias burguesas, adotaram ideologicamente e não raro, ingenuamente, o discurso marxista. Nas universidades brasileiras é fácil encontrar exemplares de tais intelectuais. Estes usufruem todas as mordomias geradas pelo capitalismo, mas criticam ferreamente as sociedades capitalistas.

Contextualizando a Fase Ingênua do Lazer

- Chamamos de fase ingênua das Teorias do Lazer aqueles escritos e documentos, científicos ou não, que defendiam que o ócio e o lazer seriam a única reivindicação legítima do povo (operariado) explorado impiedosamente pelos capitalistas.
- Esta fase é considerada ingênua, também pelo fato, de que tais escritos são usualmente panfletários (propagandísticos) e portanto carecem de rigor científico.
- Esta fase Ingênua das Teorias do Lazer é atemporal e não cronológica, ou seja, existe até hoje, quer no senso comum, quer na comunidade científica.

Contextualizando a Fase Ingênua do Lazer

- Talvez o mais belo exemplar desta fase ingênua do lazer seja o livro do francês Paul Lafargue intitulado “***O direito à preguiça***”.
- Trata-se de um manifesto onde Lafargue pulveriza o *modus operandi* não apenas do capitalismo, mas de toda e qualquer sociedade civilizada, afinal, em todas elas, sem exceção, sempre existiram explorados e exploradores; dominados e dominadores.
- Fase Ingênua se refere também à todos os teóricos que vejam no Lazer a salvação de todos os males da humanidade

Contextualizando a Fase Ingênua do Lazer

- **Reflexão:** “Se é claro que todos têm o direito à preguiça, então suponhamos um sujeito que atualmente pertença à tão criticada geração “**Nem-Nem**” (*Nem trabalham, Nem estudam*) que dedica sua vida ao bel prazer, seja lá como este seja entendido por cada um, já que se trata de foro íntimo, ter prazer (e lazer) com isto ou aquilo. Seria este sujeito um representante pós moderno do sonho lafargueano?”
- Clique ler o livro de Lafargue ([O direito à preguiça](#)).

Concluindo sobre a Fase Ingênua do Lazer

- O lazer não é uma ideia historicamente nova, a moderna contextualização e conceituação do lazer é que é uma ideia nova.
- Não existe um melhor conceito de LAZER, pois estes defendem e refletem pontos de vista e a história de vida, princípios e valores de quem os elaborou.
- O LAZER não é o remédio para uma sociedade doente, esta visão é reducionista; biomédica e ingênua.

A FASE FUNCIONALISTA

Contextualizando a Fase Funcionalista do Lazer

- Podemos compreender a chamada fase funcionalista ou utilitarista como aquela que reflete sobre o mundo do lazer enquanto apêndice do mundo do trabalho.
- Nesta fase, encontramos também, visões românticas e não raro descolada da realidade, sobre o lazer, usualmente circunscrito à manutenção e perpetuação de um *status quo* de uma minoria privilegiada.
- Do comercial de margarina, onde a família *ideal*, rica, bonita e feliz, fazem do café da manhã um momento de lazer e alegria. As crianças indo para a escola sorrindo, o pai sorrindo indo para o trabalho e a mãe sorrindo provavelmente ficando em casa para afazeres esperados domésticos de um ideal paleozoico de esposa exemplar.

Contextualizando a Fase Funcionalista do Lazer

- Nesta fase, encontramos o lazer enquanto mecanismo de compensação das agruras do cruel mundo do trabalho.
- Defensores de um ideal de moralidade, de comportamentos, de ideologias e saberes sob um ponto de vista pretensamente universal.
- Nesta fase, devemos ter cuidado com o uso da expressão “ingênua” pois aqui sua semântica supera aquela ingenuidade infantil e fagueira e perpassa forças bem articuladas que defendem, mesmo que puerilmente, interesses claramente definidos, mas que se diluem diante da dificuldade notória de compreender que pensar o lazer nas favelas brasileiras pressupõe pensar as diferenças enormes no tecido social brasileiro.

Contextualizando a Fase Funcionalista do Lazer

- É evidente que tal fase funcionalista também é atemporal e permeia TODAS as Teorias Contemporâneas do lazer, quer pela sua composição, objetivos e finalidades, muitas vezes recorrendo a um discurso mais *soft* e às vezes um discurso mais contundente.
- Por exemplo, autores que perspectivam o lazer em sua função educativa, muitas vezes se esquecem que a escola é também (não exclusivamente) um aparelho ideológico de estado (Althusser).
- Escola existe para educar ou para adestrar? Lazer existe para educar ou adestrar?

Contextualizando a Fase Funcionalista do Lazer

- Seus defensores estão espalhados mundo afora, às vezes ingênuos românticos e juvenis, mas muitas vezes, defendendo suas “verdades” como dogmas acima do bem e do mal.
- Nestes casos, o salutar debate e confronto das ideias fica quase impossível.
- Portanto a ingenuidade aqui citada pode ser resumida com o dito popular: “Lobo com pele de cordeiro”.

A FASE CRÍTICA

Contextualizando a Fase Crítica do Lazer

- Esta fase, também atemporal, permeia toda a academia que discute as teorias do lazer.
- É defendida, obviamente, por aqueles que não se coadunam com as fases ingênua e/ou funcionalista.
- Não estão defendendo partidos, nem ideologias, nem mercados. São pesquisadores comprometidos com o livre pensar e a liberdade, ainda que restrita, de subversão da ordem acadêmica estabelecida e suas supostas verdades.

Contextualizando a Fase Crítica do Lazer

- Por exemplo, o lazer enquanto atividade pedagógicas há que pensar o seu entendimento de pedagogia. Para reproduzir, para resistir, para contestar?
- Outro exemplo, o lazer, enquanto instrumento de alienação. Mas será que ele sempre aliena? Será que não existe uma saída?
Mais um exemplo: O lazer e sua composição no “tempo disponível”, mas que tempo disponível é este? O tempo disponível radicalizado da geração NEM-NEM (aqueles que nem trabalham e nem estudam) seria a materialização mais de cem anos depois do Direito à Preguiça de Lafargue?

Finalizando a Fase Crítica do Lazer

- Interessa aqui, deixar claro que para além do mero *criticismo* que só quer tumultuar o debate científico sobre o tema LAZER, interessa sim, a *criticidade* exercida enquanto livre-pensar, que sabendo claramente de seu papel no palco (ou arena?) da academia, racionalmente, exerce da melhor maneira possível, seu papel como pesquisador desta complexa área de conhecimento.

Referências

- DACOSTA, Lamartine Pereira. (1988) Educação Física e esportes não-formais, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- DIECKERT, Jurgen. (1984) Esporte de lazer: tarefa e chance para todos, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- DUMAZEDIER, Jofre (1976) Lazer e cultura popular - Debates, São Paulo: Perspectiva.
- GAELZER, Lenea. (1979) Lazer: benção ou maldição ?, Porto Alegre: Sulina.
- HUIZINGA, Johan. (1980) Homo Ludens: jogo como elemento da cultura, São Paulo: Perspectiva.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. (1990) Lazer e educação, Campinas: Papirus.
- MARCUSE, Herbert. (1971) La agresividad en la sociedade industrial avanzada, Madrid: Alianza Editorial.